

# a psicologia da estupidez

vários

Tradução de Carlos Aboim de Brito

## ÍNDICE

Advertência ( <i>Jean-François Marmion</i> ) .....	11
O estudo científico dos estúpidos ( <i>Serge Ciccotti</i> ) .....	17
A tipologia dos estúpidos ( <i>Jean-François Dortier</i> ) .....	27
O olhar de <i>Edgar Morin</i> .....	37
A teoria dos estúpidos: Entrevista a <i>Aaron James</i> .....	39
Luc Montagnier, retrato de um Nobel ( <i>António Araújo</i> ) .....	47
Da tolice às balelas ( <i>Pascal Engel</i> ) .....	63
Estupidez e expedientes cognitivos ( <i>Ewa Drozda-Senkowska</i> ) ...	71
O pensamento a duas velocidades:	
Entrevista a <i>Daniel Kahneman</i> .....	81
Da estupidez no cérebro ( <i>Pierre Lemarquis</i> ) .....	93
Porque não há aviação alternativa? ( <i>David Marçal</i> ) .....	103
A estupidez com conhecimento de causa	
( <i>Yves-Alexandre Thalmann</i> ) .....	115
Porque é que pessoas muito inteligentes por vezes	
acreditam em inépcias? ( <i>Brigitte Axelrad</i> ) .....	123
Porque encontramos sentido nas coincidências:	
Entrevista a <i>Nicolas Gauvrit</i> .....	133
A estupidez como delírio lógico ( <i>Boris Cyrulnik</i> ) .....	141
A armadilha do tempo na História ( <i>Adelino Cunha</i> ) .....	147
As emoções nem sempre nos tornam estúpidos:	
Entrevista a <i>António Damásio</i> .....	167
Estupidez e narcisismo ( <i>Jean Cottraux</i> ) .....	173

Os piores manipuladores mediáticos? Os meios de comunicação social!: Entrevista a <i>Ryan Holiday</i> .....	183
Da estupidez: o elogio impossível ( <i>Vasco M. Barreto</i> ) .....	195
Internet: a derrota da inteligência?: Entrevista a <i>Howard Gardner</i> .....	207
O mal que nos faz a estupidez na política ( <i>Filipe Luís</i> ) .....	213
Estupidez e pós-verdade ( <i>Sebastian Dieguez</i> ) .....	223
As metamorfoses das tolices nacionalistas ( <i>Pierre de Senarclens</i> ) .....	239
Como lutar contra os erros coletivos? ( <i>Claudie Bert</i> ) .....	249
A estupidez vista pelas crianças: Entrevista a <i>Alison Gopnik</i> .....	255
A estupidez como obra de arte ( <i>André Canhoto Costa</i> ) .....	263
Sonhamos estupidezes? ( <i>Delphine Oudiette</i> ) .....	279
A pior estupidez é julgarmo-nos inteligentes: Entrevista a <i>Jean-Claude Carrière</i> .....	287
Viver em paz com as suas estupidezes ( <i>Stacey Callahan</i> ) .....	295
A estupidez é o ruído de fundo da sabedoria: Entrevista a <i>Tobie Nathan</i> .....	307
O elogio da estupidez ( <i>Jovem Conservador de Direita</i> ) .....	315
Participaram nesta obra .....	331

«Empreendi outrora uma investigação sobre a estupidez. Os primeiros resultados foram muito encorajadores. Além disso, não faltam voluntários para constituir a amostra da experiência. Foi o tempo que me faltou. Esperei então que um dos meus alunos se apoderasse da minha ideia, do meu projeto. Um ótimo tema de tese! Mas não! A minha proposta deixava-os pouco à vontade... O assunto carecia de respeitabilidade... E dificilmente viam a noção em causa como um objeto de ciência. Assim, existem muitos objetos que andam pelas ruas e que os psicólogos deixam escapar.»

René Zazzo, «Qu'est-ce que la connerie, Madame?»,  
*Où en est la psychologie de l'enfant?*<sup>1</sup>, Denoël, 1983.

---

<sup>1</sup>Tradução livre: «O que é a estupidez, minha senhora?», *Em Que Ponto Está a Psicologia da Criança?* (N. do T.)



## **ADVERTÊNCIA**

*Você, que entra aqui, abandone  
todas as esperanças*

«O bom senso é a coisa mais partilhada do mundo», escrevia Descartes. Então e a estupidez?

Quer ela destile, quer ela orvalhe, quer ela escorra ou rebente furiosamente, está por todo o lado. Sem fronteiras e sem limites. Ora suave sussurro quase suportável, ora lodo estagnado repugnante, ora sismo, borrasca, maré que engole tudo à passagem, quebrando, achincalhando, sujando, a estupidez salpica toda a gente. Pior, murmura-se que todos nós somos a sua fonte. Eu próprio não me sinto muito bem.

## **O INSUSTENTÁVEL PESO DO SER**

Cada um vê, ouve, lê estúpidos todos os dias, sem exceção. Simultaneamente, cada um fá-las, pensa-as, ruma-as e di-las. Somos todos estúpidos ocasionais, fazendo asneiras de passagem sem que isso tenha demasiadas consequências. A questão reside em ter consciência disso e em lamentá-lo, dado que o erro é humano e que falta confessada é meio perdoada. Somos sempre o estúpido de alguém, mas raramente de nós mesmos... Excetuando este pequeno quotidiano ronronante da estupidez, infelizmente temos de contar com os rugidos dos estúpidos de competição, dos estúpidos majestosos, maiúsculos. Esses estúpidos, quer nos cruzemos com eles no trabalho ou na família, não apresentam nada de anedótico. Eles consternam-nos e martirizam-nos pela sua obstinação na tolice crassa e pela arrogância injustificada.

Eles persistem, assinam, e eliminariam de boa vontade a nossa opinião, as nossas emoções, a nossa dignidade com um traço de caneta. Eles poluem o nosso moral e desafiam-nos a acreditar em qualquer justiça que haja neste mundo vil. Neles, mesmo com muita indulgência, recusa-se o reconhecimento dos seus próximos.

A estupidez é uma promessa não cumprida, promessa de inteligência e de confiança traída pelo estúpido, traidor à humanidade. O estúpido é «tolo», o animal! Gostaríamos de lhe ter afeto, de fazer dele um amigo, mas o estúpido não está à altura — isto é, à nossa. Ele sofre de uma doença sem remédio. E como ele se recusaria a tratar-se, persuadido de que é o único zarolho num mundo de cegos, a tragicomédia é total. Não é de espantar que o *zombie* fascine, com o seu simulacro de existência, o seu nada intelectual e a sua exigência básica e imperiosa de rebaixar os vivos, os heróis, os simpáticos, à sua condição. Afinal, o estúpido também quer descerebrar-nos: os falhados não nos faltarão. O cúmulo da estupidez é que, por vezes, ele é inteligente, pelo menos culto: ele queimaria livros, e com eles os seus autores, em nome de outro livro, de uma ideologia, ou do que lhes ensinaram os grandes mestres (estúpidos ou não), de tal modo tem a elegância de transformar a sua grelha de leitura em barras de prisão.

## A DÚVIDA ENLOUQUECE, A CERTEZA ESTUPIDIFICA

O estúpido por excelência condena sem apelo, de imediato, sem circunstâncias atenuantes, fazendo apenas fé nas aparências que, além disso, ele se limita a vislumbrar por entre os seus antolhos. Sabe mostrar-se zeloso para reunir os seus semelhantes, incitar ao linchamento, em nome da virtude, das conveniências, do respeito. O estúpido caça em matilha e pensa como uma manada. «*Le pluriel ne vaut rien à l'homme et sitôt qu'on/Est plus de quatre on est une bande de cons*»<sup>2</sup>, cantava Georges Brassens. Que também proclamava: «*Gloire à qui n'ayant pas d'idéal sacro-saint/Se borne à ne trop emmerder ses voisins.*»<sup>3</sup> Pois é! Os vizinhos nem sempre se privam deles!

Não contente em nos tornar infelizes, o estúpido incómodo ficará feliz consigo próprio. Inabalável. Imunizado contra a hesitação. Seguro do seu

---

<sup>2</sup> O plural não serve de nada ao homem e mal/ se é mais de quatro torna-se um bando de estúpidos. (N. do T.)

<sup>3</sup> Glória a quem não tendo ideal sacrossanto/Se limita a não incomodar muito os vizinhos. (N. do T.)

direito. O imbecil feliz quebra-nos sem se perturbar. O estúpido toma as suas crenças por verdades gravadas no mármore, quando todo o saber se constrói na areia. A dúvida enlouquece, a certeza estupidifica, há que escolher o campo. O estúpido sabe tudo melhor do que nós, incluindo o que devemos pensar, sentir, fazer com os nossos dez dedos, como devemos votar. Ele sabe melhor do que nós quem somos e o que é bom para nós. Se não estivermos de acordo, desprezar-nos-á, insultar-nos-á, ferir-nos-á no sentido próprio ou no figurado, para o nosso bem. E se pode arriscar-se a isso impunemente em nome de um ideal superior, talvez atente contra esta escória a que a nossa existência se resume.

Amarga constatação, a legítima defesa é uma armadilha. Tentem tornar racional o estúpido, mudá-lo, estão perdidos! Porque se consideram que é vosso dever corrigi-lo, então é porque também pretendem saber como ele deveria pensar, comportar-se... neste caso, como vocês. E aí estão vocês, estúpidos. Além de serem ingênuos, porque se julgam capazes de vencer o desafio. Pior ainda, quanto mais tentarem reformar um estúpido, mais o reforçarão: ele ficará muito contente por se considerar uma vítima que incomoda, e que por isso tem razão. Oferecer-lhe-eis a consagração de se considerar de boa-fé um herói do anticonformismo, a lastimar e a admirar. Um resistente... Tremamos face à amplitude da maldição: tentem melhorar um estúpido e, não contentes com o fracasso, irão reforçá-lo e imitá-lo. Só havia um estúpido, agora há dois. Lutar contra a estupidez reforça-a. Quanto mais se ataca o ogro, mais ele canibaliza.

## **OS ESTÚPIDOS DO APOCALIPSE**

Assim, a estupidez não poderia enfraquecer. Ela é exponencial. Então, hoje mais do que ontem e muito menos do que amanhã, estaremos a viver a sua idade de ouro. Com base nos vestígios da escrita, as melhores mentes do seu tempo pensaram assim. Nesse momento, talvez tivessem razão. Ou então, como toda a gente, tinham-se tornado velhos estúpidos... Apesar de tudo, a novidade da época contemporânea é que basta um estúpido e um botão vermelho para erradicar a estupidez juntamente com o mundo inteiro. Um estúpido eleito por vitelos muito orgulhosos por escolherem o seu carrasco.

A outra grande característica do nosso tempo é que, mesmo admitindo que a estupidez não atinja ainda o seu paroxismo generalizado, ela nunca foi tão visível, descomplexada, gregária e perentória. Razão para desesperar dos nossos semelhantes desencaminhados, mas também, quem sabe,

abraçar a filosofia pela força das coisas, dado que é cada vez mais difícil negar a vaidade de tudo e o narcisismo de cada um, bem como a inanidade das aparências e dos julgamentos francos. Que possa um segundo Erasmo oferecer-nos um novo *Elogio da Loucura* (mas em não mais de 140 caracteres de cada vez, por compaixão, por receio da dor de cabeça)! Que possa um novo Lucrecio pintar-nos o alívio profundo, e talvez a alegria, que se pode sentir ao ficar na margem quando a Nave dos loucos se afunda nos refluxos das águas, sabotada pelos passageiros que depois gritam socorro para escapar ao afogamento... O néctar, pensando bem, é lamber os beiços como bom apreciador do combate entre estúpidos, postos nos bicos dos pés e dos seus egos: porque se os grandes espíritos se encontram, os estúpidos, por sua vez, encaixam-se. Ao esforçar-se por se manter espectador em vez de ator, é muito temerário julgar-se menos afetado pela estupidez do que os seus contemporâneos vociferadores, irritados, tristes e agitados, mas, se por acaso é exato, que triunfo! Aliás, mais vale ser modesto: não lhe perdoariam que sobrevoasse a desordem. Escape ao rebanho e ele próprio o conduzirá ao matadouro. Uive com os lobos, dê balidos com os carneiros, mas não faça de cavaleiro solitário, eles revoltar-se-iam contra o burro. É inútil acrescentar que, se realmente se julga mais inteligente e mais exemplar do que a média, o diagnóstico fatídico não está longe: talvez você seja um saudável portador da estupidez que se ignora...

Face à imensidade do estaleiro, e do desastre, pretender explorar a estupidez através deste livro revela ser mais uma estupidez. Certamente será necessário mostrar-se muito presunçoso, ternamente ingénuo, ou excelentemente tolinho, para se meter em semelhante assunto. Sei isso muito bem, mas é necessário que um bravo estúpido avance. Com um pouco de sorte, a iniciativa será simplesmente ridícula. E o ridículo não mata. Enquanto a estupidez, sim! E ela sobreviver-nos-á. Aliás, ela enterrar-nos-á a todos. Oxalá não nos acompanhe no túmulo...

Última precisão: estas considerações sobre os estúpidos são válidas também para as estúpidas. Que elas tenham a certeza disso! Ai de mim, não há um sexo para renovar o outro... Então proclamo, ó estúpidos de todos os géneros e estúpidas de todos os feitios, estúpidos de todos os tipos, estúpidas de todas as qualidades, bravos tolos, tristes peruas, porcos estúpidos, grandes estúpidas, pobres estúpidas, más cabeças ocas, imbecis e bestas, simplórios e obtusas, patetas e insensatas, broncos e embotadas, descerebrados e tolas, acanhados e ridículas, pedaços de asno, basbaques, néscios, crédulos, burros, parvalhões, molengões, nulos, toque-toque, tencas, bolbos a meia haste, sombrios grandes estúpidos e fátuos, bobos vazios e malcheirosas cabeças de

nó, futricas, putas, idiotas, sonhadores de quimeras, papalvos, come-merdas e sirigaitas, aqui está o vosso momento de glória: este livro só fala de vós. Mas não irão reconhecer-se nele...

O vosso estúpido dedicado,  
Jean-François Marmion



# **O ESTUDO CIENTÍFICO DOS ESTÚPIDOS**

**SERGE CICCOTTI**

Psicólogo e investigador associado  
da Universidade da Bretanha-Sul.



«O estúpido afirma... o sábio duvida... o sensato reflete»  
Aristóteles e... Serge Ciccotti

Pode-se estudar cientificamente os estúpidos? Questão provocatória! Conhecemos os estudos estúpidos (por exemplo, «Poderão as flatulências servir de defesa contra o medo?»<sup>4</sup>), os estudos sobre as profissões estúpidas que não têm nenhuma utilidade social e oferecem pouca satisfação pessoal<sup>5</sup>, mas onde estão os estudos sobre os estúpidos?

Na realidade, quando nos interessamos pela literatura científica no domínio da psicologia, a estupidez é, de uma maneira geral, bastante bem estudada. Neste sentido, podemos responder que, sim, se pode analisar os estúpidos, mas temos de manter no espírito que os estudos sobre os estúpidos não são, nem mais nem menos, do que os feitos sobre o Homem. Podemos traçar um retrato-tipo do estúpido selecionando certas variáveis estudadas em diferentes investigações. Teremos então uma ideia relativamente precisa do estúpido (incómodo, um tanto alarve, bastante limitado em termos de atenção ou intelectualmente), e até de algumas das suas declinações como o grande estúpido muito fátuo, brutal, ao qual se acrescentou uma dimensão narcísica tóxica, ou mesmo uma ausência total de empatia.

---

<sup>4</sup> Mara Sidoli, «Farting as a defense against unspeakable dread», *Journal of Analytical Psychology*, 41 (2) 165-78, 1996.

<sup>5</sup> <http://www.strikemag.org/bullshit-jobs/>.

## ESTUPIDEZ E FALTA DE ATENÇÃO

Mas mais do que estudar o estúpido como um objeto, a investigação em psicologia permite sobretudo compreender por que razão as pessoas se comportam por vezes como estúpidos.

Assim, os estudos sobre os *scripts*<sup>6</sup> mostram que, na maior parte do tempo, as pessoas não fazem uma análise muito profunda do meio envolvente antes de agir. Utilizam rotinas de ações bem rodadas e habituais, executadas automaticamente a partir de indicadores internos ou do meio envolvente. É por isso que poderá comentar: «Quando choras, há sempre um estúpido para te dizer: “Olá, tudo bem?”» É tão estúpido como olhar uma segunda vez para o relógio quando se acaba de o fazer.

Quando se quer saber as horas, deve-se olhar para o relógio, é um *script* que se desencadeia mecanicamente. Este mecanismo permite ser pouco atento, porque o *script* tem precisamente a utilidade de prestar pouca atenção à tarefa a realizar. Assim, como não se presta atenção e se pensa noutra coisa, olha-se sem se ver, a informação não é captada e é-se obrigado a ler a hora uma segunda vez. É estúpido, não é?

No campo das investigações sobre os recursos de atenção, os psicólogos demonstraram que muitas vezes se é vítima de cegueira às mudanças<sup>7</sup>, e que uma modificação, mesmo importante, nem sempre é captada pelo indivíduo. É por isso que provavelmente poderá ouvir: «Quando perdeste 10 kg depois da uma dieta, encontras sempre um estúpido que não vê a diferença...» As investigações sobre a «ilusão de controlo»<sup>8</sup> permitem-nos compreender «por que razão há sempre um estúpido que carrega como um doente no botão do elevador quando está com pressa». Por sua vez, as investigações sobre a influência social permitem-nos compreender por que razão, quando um condutor segue por uma rua barrada, há sempre um estúpido a segui-lo, e quando lhe perguntam num jogo televisivo se é a Lua ou o Sol que gira em torno da Terra, o estúpido pede a opinião do público.

Muitas vezes, o Homem parece afastar-se da pura racionalidade e dos valores esperados. E o mais estúpido acaba por ser aquele que apresenta as diferenças mais tangíveis à média dos efeitos estudados. Em geral, a sua visão

---

<sup>6</sup> R.C. Schank e R.P. Abelson, *Scripts, Plans, Goals and Understanding: an Inquiry into Human Knowledge Structures* (caps. 1-3), L. Erlbaum, Hillsdale, NJ, 1977.

<sup>7</sup> D.J. Simons e D.T. Levin, «Failure to detect changes to people during a real-world interaction». *Psychonomic Bulletin & Review*, 5 (4), 644-649, 1998.

<sup>8</sup> E.J. Langer, «The illusion of control», *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 32 (2), 311-328, 1975.

do mundo é simplista: tem dificuldade com os grandes números, as raízes quadradas, a complexidade, ou mesmo com a curva de Gauss, da qual muitas vezes só capta os extremos. Aliás, Estaline dizia: «A morte de mil soldados é uma estatística, a morte de um soldado é uma tragédia.» Toda a gente é um pouco mais sensível às anedotas do que aos relatórios científicos cheios de estatísticas. Mas o estúpido é doido por anedotas. Conhece mesmo alguém que caiu do 40.º andar e não morreu, como disseram no noticiário da TF1 no canal M6.

## ESTUPIDEZ E CRENÇAS

Os estudos sobre crenças puseram em evidência a crença na justiça mundial («*Belief in a just world*»<sup>9</sup>), provavelmente a mais partilhada e que o estúpido ilustra perfeitamente ao anunciar com estrondo: «Ela foi violada, mas, ao mesmo tempo, viste como estava vestida?» Quanto mais estúpido se é, mais a vítima merece o que lhe acontece... Aliás, o bom grande estúpido despreza os desdentados, esses «porcos dos pobres».

O estúpido é exímio na capacidade de acreditar em tudo e mais alguma coisa, do folclore das conspirações à influência da Lua no comportamento, passando pela homeopatia, que até funciona com o seu cão, que é bem a prova! No dia 28 de maio de 2017, uma moto é filmada na autoestrada A4 durante vários quilómetros sem o seu condutor, que caiu antes<sup>10</sup>. Para os mais estúpidos, o responsável só pode ser «a senhora branca», para os de casca grossa, é o efeito giroscópico... Aliás, parece haver uma correlação negativa entre as crenças místicas e a capacidade para obter um prémio Nobel<sup>11</sup>.

Sempre no domínio das crenças, os estudos<sup>12</sup> revelam uma diferença entre «os pequenos estúpidos da última chuvada» e «os velhos estúpidos das

---

<sup>9</sup> L. Montada e M.J. Lerner, «Préface», in L. Montada e M.J. Lerner (dir.), *Responses to Victimizations and Belief in a Just World*, (pp. VII-VIII), Plenum Press, 1998.

<sup>10</sup> Sciencesetavenir.fr — «TRANSPORTS. Moto fantôme de l'A4: une Harley peut-elle rouler sans pilote sur plusieurs kilomètres?» [tradução livre: «TRANSPORTES. Moto-fantasma da A4: pode uma *Harley* andar sem condutor durante vários quilómetros?»], F. Daninos, 21.06.2017, às 20h00.

<sup>11</sup> M. Zuckerman, J. Silberman, J.A. Hall, «The relation between intelligence and religiosity: a meta-analysis and some proposed explanations», *Personality and Social Psychology Review*, 17 (4): 325-354, 2013.

<sup>12</sup> S.T. Charles, M. Mather, L.L. Carstensen, «Aging and emotional memory: the forgettable nature of negative images for older adults», *Journal of Experimental Psychology: General*, 132 (2), 310, 2003.

neves de antanho<sup>13</sup>». Está demonstrado que as recordações negativas se apagam com o tempo e que só as recordações positivas permanecem... Assim, quanto mais se envelhece, mais se tem tendência a ver o passado como positivo, o que leva os velhos estúpidos a dizer: «Antes era melhor...»

Uma parte considerável da nossa racionalidade é investigada através de numerosos estudos e explicada pelos investigadores como a expressão da nossa necessidade de controlar o meio envolvente. Qualquer organismo vivo exprime esta necessidade (vejam até que ponto: quando batem à porta, o seu cão apressa-se a ir para lá, mesmo que nunca seja para ele...). No humano pode mesmo desembocar em comportamentos absurdos, como o de ir consultar um vidente. Em França existem cerca de cem mil pessoas que se declaram «videntes» e o seu volume de negócios rondará os três mil milhões de euros por ano. Embora os investigadores nunca tenham encontrado nenhum dom real nos videntes declarados, isso não os impede de ter grandes lucros. Estima-se que 20% das mulheres e 10% dos homens recorreram pelo menos uma vez na vida à vidência. Em geral, os videntes não lamentam ter escolhido esta trapaça para viver, e no fim estamos perante estúpidos que fazem dos estúpidos o seu fundo de comércio... A necessidade de controlo implica muitas vezes uma ilusão de controlo e, provavelmente, o estúpido ilude-se mais do que os outros<sup>14</sup>. Dentro do carro, esta ilusão manifesta-se por um maior receio de um acidente, mais como passageiro do que como condutor. Aliás, o estúpido não consegue dormir quando é passageiro... Só acontece dormir quando é ele o condutor!

O estúpido lança os dados com mais força para obter 6, escolhe os seus números na lotaria, gosta de andar por cima dos cagalhões de cão, mas evita as escadas. O estúpido controla: se ganhou na lotaria, foi porque durante sete noites sonhou com o número 6, e como 7x6 são 42, apostou no 42 e ganhou. Neste sentido, teremos de acreditar que o estúpido goza de boa saúde mental, porque esta ilusão é muito mais fraca nas pessoas deprimidas<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> G. Brassens, «Le temps ne fait rien à l'affaire» [tradução livre: «O tempo não acrescenta nada ao assunto»], 1961.

<sup>14</sup> E.J. Langer, «The illusion of control», *Journal of Personality and Social Psychology*, 32 (2), 311-328, 1975.

<sup>15</sup> S.E. Taylor e J.D. Brown, «Illusion and well-being: a social psychological perspective on mental health», *Psychological Bulletin*, 103 (2), 193-210, 1988.

## ESTUDOS SOBRE OS ESTÚPIDOS QUE TE EXPLICAM O TEU TRABALHO

Noutro domínio igualmente muito estudado, o estúpido utiliza, mais do que lhe compete, estratégias de salvaguarda da autoestima. Os estudos sobre o expediente de falso consenso<sup>16</sup> demonstram que se exagera no número de pessoas que partilham os nossos defeitos, o que leva o estúpido, a quem você chama a atenção por ter passado um *stop*, a dizer: «Mas ninguém para neste *stop*!»

O estúpido é muitas vezes vítima do expediente retrospectivo. Na maternidade dirá: «Tinha a certeza de que era um rapaz», e diante da televisão afirmará: «Tinha a certeza de que Macron seria o Presidente», e por vezes dir-vos-á: «Tinha a certeza de que ias dizer isso!» O estúpido está de má-fé? O estúpido é um adivinho? Não, o estúpido utiliza o «já sabia» com fins estratégicos, nomeadamente para mostrar que está muito mais informado do que está na realidade: «Eu sei, eu sei...» É claro que não convém falar destes estudos aos estúpidos porque eles negarão que funcionam assim...

Para proteger a sua autoestima, muitas pessoas sobrestimam as suas capacidades. Este expediente foi posto em evidência por experiências em psicologia que mostraram que, em diversos domínios, um grande número de participantes considera-se melhor do que a média, por exemplo no que diz respeito à inteligência. De um lado da escala, temos o «estúpido-estúpido», a quem censuramos pela falta de confiança em si mesmo, porque é um facto, em psicologia ingénua, que aquele que acumula qualidades humanas como a simplicidade, a humildade e a discrição é, muitas vezes, visto como «demasiado estúpido», ou estúpido-estúpido, isto é, um estúpido do qual os outros se aproveitam. Do outro lado do eixo, encontramos aqueles que obtêm notas muito importantes, isto é, estúpidos com um excesso de confiança desmesurado. O estúpido pode custar muito caro à sociedade quando se perde, quer no mar, quer na montanha, depois de ter andado fora das pistas de esqui, embora, na maioria das vezes, ele se contente em sobrestimar as suas capacidades de controlar a sua velocidade quando conduz.

Finalmente, o expediente egocêntrico<sup>17</sup> permite discriminar o pequeno *asshole* [idiota ou imbecil] do bom grande estúpido que não se reconhece na origem da sua estupidez. O estúpido divorciou-se três vezes porque encontrou

---

<sup>16</sup> F. Verhac, «L'effet de faux consensus: une revue empirique et théorique» [tradução livre: «O efeito de falso consenso: uma visão empírica e teórica»], *L'année psychologique*, 100, 141-182, 2000.

<sup>17</sup> D.T. Miller e M. Ross, «Self-serving biases in the attribution of causality. Fact or fiction?», *Psychological Bulletin*, 82, 213-225, 1975.

três estúpidas, fracassou porque trabalha com um bando de braços caídos. Já adolescente, notara que não eram os seus pés que cheiravam mal, mas as suas meias. Um dia, foi mandado parar no carro porque conduzia a velocidade excessiva, realmente não teve sorte. Ele tem dificuldade em compreender que a sorte é a interpretação que o estúpido dá às probabilidades.

Os investigadores Dunning e Kruger não puderam tentar publicar um estudo com um título do género: «Estudos sobre os estúpidos que te explicam o teu trabalho.» Tal apresentação dos seus trabalhos não passaria pelos filtros dos comités de leitura de uma revista científica. No entanto, nos seus estudos, não mostraram outra coisa! Estes dois especialistas descobriram que as pessoas incompetentes tendem a sobrestimar o seu nível de competência.

Assim, um estúpido que nunca teve cão explicar-te-á como deves educar o teu cão. Dunning e Kruger atribuem este expediente a uma dificuldade das pessoas não qualificadas para avaliar, em certas situações, as suas reais capacidades. Mas não é tudo: segundo estes psicólogos<sup>18</sup>, se a pessoa incompetente tende a sobrestimar o seu nível de competência, ela também não consegue reconhecer a competência naqueles que a possuem.

Graças a estes trabalhos, compreende-se então por que razão um cliente estúpido passa o seu tempo a explicar ao profissional o seu trabalho, mas também por que razão, quando se perde alguma coisa, há sempre um estúpido para te dizer: «Espera, onde estava na última vez que a viste?», e ainda por que razão o estúpido é levado a dizer: «Ser advogado é fácil, basta decorar o direito»; «Deixar de fumar? Só é preciso vontade»; «Ser piloto de avião? É como conduzir um autocarro»; etc. Assim, à saída de uma conferência sobre física quântica sobre a qual não compreende nada, o estúpido olhará o especialista nos olhos e dirá: «... Depende.»

Dunning e Kruger pensam mesmo que a modéstia deveria incitar-nos a não votar, de tal modo somos nulos em economia, nulos em geopolítica e em vida das instituições, incompetentes para avaliar os programas eleitorais, ou ainda para saber o que seria preciso fazer para que um país siga melhor... Entretanto, o estúpido dirá no bar: «Eu sei como se pode parar a crise!...»

Numerosos estudos realizados sobre pessoas asiáticas mostram um efeito

---

<sup>18</sup> J. Kruger, D. Dunning, «Unskilled and Unaware of It: How Difficulties in Recognizing One's Own Incompetence Lead to Inflated Self-Assessments», *Journal of Personality and Social Psychology*, 77 (6): 1121-34, 1999.

Dunning-Kruger inverso<sup>19</sup>... Logo, uma capacidade para subestimar as suas capacidades. Assim, parece que na cultura do Extremo Oriente, não sendo norma uma pessoa valorizar-se, não se encontra esta tendência para querer demonstrar que se controla todos os assuntos...

## O RADAR DA ESTUPIDEZ

Embora haja muitos mais mecanismos que poderiam definir a estupidez, acabemos esta curta síntese com a «desconfiança cínica» com que o estúpido, ou mesmo o idiota, é atingido de forma muito mais profunda do que os outros<sup>20</sup>. O cinismo é definido como um conjunto de crenças negativas sobre a natureza humana e as suas motivações. O estúpido é muitas vezes vítima de cinismo sociopolítico, basta interrogá-lo. Algumas frases sem verbos pontuam quotidianamente as suas reflexões: «Todos podres»; «Radares = *racket*, *business*, bomba de bicicleta»; «Os psicólogos? São todos uns charlatões»; «Os jornalistas? Uns lambe-botas». Ele pensa que as pessoas só são honestas porque têm medo de ser apanhadas. O estúpido vive num mundo de incompetência e de velhacaria. Os estudos demonstram que os estúpidos cínicos são tão pouco cooperativos e de tal modo desconfiados que perdem oportunidades profissionais, encontrando-se por isso com rendimentos inferiores aos outros.

*In fine*, poder-se-ia dizer que o estúpido encarnaria assim uma espécie de exagero das diferentes tendências psicológicas detetadas pelos investigadores. E aquele que acumular todas será percecionado como o «rei dos estúpidos», ou mesmo como o maior estúpido que alguma vez pisou a Terra.

Mas a pergunta estúpida... substancial a «Pode-se estudar os estúpidos?», é provavelmente: «Por que razão há tantos estúpidos?» E isso é verdade, basta gritar «coitado do estúpido» na rua para que toda a gente se vire! Mais uma vez, a literatura científica fornece-nos a resposta, e até várias.

Primeiro, estamos equipados com um radar para a estupidez: o expediente de negatividade<sup>21</sup>. É a tendência que temos de atribuir mais peso, mais atenção, mais interesse às coisas negativas do que às positivas. O expediente

---

<sup>19</sup> S. J. Heine, S. Kitayama e D.R. Lehman, «Cultural differences in self-evaluation: Japanese readily accept negative self-relevant information», *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 434-443, 2001.

<sup>20</sup> E.R. Greenglass e J. Julkunen, «Cynical distrust scale», *Personality and Individual Differences*, 1989.

<sup>21</sup> P. Rozin, E.B. Royzman, «Negativity bias, negativity dominance, and contagion», *Personality and Social Psychology Review*, 5 (4), 296-320, 2001.

de negatividade tem pesadas consequências nas opiniões dos seres humanos, nos seus preconceitos, nos estereótipos, na discriminação, nas superstições. Nos trabalhos domésticos, vemos imediatamente os acabamentos quando eles não estão feitos, mas nunca quando estão concluídos... Por isso, é graças ao expediente de negatividade que somos capazes de detetar mais rapidamente um estúpido do que um génio num meio social complexo. Por outro lado, este expediente leva-nos a perceber melhor a intenção por trás de um acontecimento negativo do que por trás de um acontecimento positivo. Se procuramos um objeto em casa, a nossa tendência é pensar que não fomos nós que o perdemos, mas que foi alguém que o pôs nalgum sítio. «Quem mexeu no meu...?» No fim, se alguma coisa corre mal, temos tendência a pensar que há uma intenção humana por trás, que a culpa é de um grande estúpido que estragou tudo.

Notemos finalmente que investigadores descobriram o erro fundamental de atribuição<sup>22</sup>: quando se observa uma pessoa, atribui-se o seu comportamento à sua natureza profunda, mais do que as causas que lhe são exteriores. Em numerosos casos, a conclusão torna-se então límpida: é um estúpido. Assim, quando um automóvel nos ultrapassa velozmente, é porque o seu condutor é um bruto e não porque o seu filho se feriu na escola; quando o nosso amigo não responde ao nosso *e-mail* em duas horas, é certamente porque está amuado e não porque teve um problema na Internet; se o nosso colega não nos devolveu o dossiê, é porque é preguiçoso e não porque está sobrecarregado de trabalho; se o professor me responde secamente, é porque é um estúpido e não porque a minha pergunta é estúpida. Este mecanismo aumenta igualmente a nossa capacidade para ver estúpidos por todo o lado. São pelo menos duas razões pelas quais somos tão sensíveis à estupidez...

---

<sup>22</sup> L. Ross, «The intuitive psychologist and his shortcomings: distortions in the attribution process», *Advances in Experimental Social Psychology*, vol. 10, pp. 173-220, 1977.

# **A TIPOLOGIA DOS ESTÚPIDOS**

**JEAN-FRANÇOIS DORTIER**

Fundador e diretor do Cercle Psy  
e de Sciences Humaines.



Se existem formas de inteligência múltiplas, como admitem os psicólogos, deve haver também uma boa variedade de estupidez...

Na ausência de estudos mais profundos, ou mesmo de um embrião de ciência da estupidez (de que este livro lança algumas balizas), pode-se começar por um descritivo de amostras representativas.

### **ATRASADO**

Atrasado, paradinho, pateta, idiota, débil mental, doido, imbecil, estúpido, néscio, maluco, tolo, testa pequena, cabeça rachada... o vocabulário da estupidez é infinito. Esta riqueza semântica reflete sem dúvida inflexões de sentido, variações de uso e efeitos de moda.

No entanto, em geral, o sentido é sempre o mesmo: o estúpido, qualquer que seja a diversidade das fórmulas e das metáforas, é aquele cuja inteligência é considerada reduzida e cujo horizonte mental é limitado. Assim, é sempre a partir de uma posição relativa que se define a estupidez. Não se é um estúpido em si mesmo (se toda a gente o fosse, ninguém poderia notá-lo). Por outras palavras, a estupidez mede-se a partir de um ponto de referência fixado por quem se considera superior.

## BEAUF<sup>23</sup>

Em inglês *rednecks* ou *hillbillies*, os *beaufs* são tolos, maus, racistas e egoístas. Pelo menos, era assim que os pintava Cabu, que imortalizou o seu perfil. Eles formariam os batalhões de eleitores dos partidos populistas: uma vez que são tolos, isto é, não têm reflexão política e utilizam raciocínios de vista curta e à medida. O seu pensamento é «quadrado» — tudo é branco ou preto —, sem matizes. São teimosos, obtusos e os argumentos racionais não têm influência sobre eles: não desistem da sua opinião. É o pensamento «ponto parágrafo»!

São maus porque atacam sem nenhuma compaixão os seus bodes expiatórios e vítimas inocentes: os árabes, os negros, os migrantes em geral.

São egoístas porque para eles só uma coisa conta: o seu bem-estar, o seu conforto, «queremos dinheiro»...

Mas estes *beaufs* existirão realmente como perfil psicológico? Se for esse o caso, seria necessário mostrar que existe uma relação orgânica entre a tolice (isto é, o fraco nível intelectual) e a maldade (entendida como egoísmo e desprezo de outrem).

A não ser que as relações entre os dois sejam apenas conjunturais: porque se pode ser estúpido e simpático (ver «idiota da aldeia»), como se pode ser ao mesmo tempo mau e inteligente. Não será esse o caso daqueles que traçaram o retrato do *beauf*, caricaturistas que trabalham para um jornal, *Hara-Kiri*, que pretendia ele próprio ser «estúpido e mau»? Essa gente não era verdadeiramente estúpida (ainda que a caricatura sistemática e os *clichés* acabassem por diminuir o espírito), mas, muitas vezes, eram maus.

## ESTÚPIDO UNIVERSAL

«São todos estúpidos!»: geralmente, a fórmula é enunciada bem alto, com o cotovelo pousado no zinco do balcão do bar. Mas quem são este «todos»? Os políticos, os seus eleitores, os funcionários, os incompetentes, etc., e, por extensão, toda a gente, porque a fórmula não entra em matizes.

É precisamente esta falta de discernimento na análise, a arrogância com que se erige acima da condição humana para julgar o resto do mundo, que constitui o sinal muito seguro de que se está perante um verdadeiro estúpido. «É próprio do erro não se considerar como tal», notava Descartes. É ainda mais verdade em relação à estupidez. Evidentemente, um estúpido não pode

---

<sup>23</sup> Poderá ser traduzido como labrego, campónio, tolo, simplório, saloio. (N. de T.)

reconhecer-se a si mesmo como tal. Em contrapartida, constitui um critério bastante seguro para reconhecer um nas imediações. Onde quer que esteja, desde que ouça soar um «São todos uns estúpidos!», pode ter a certeza de que existe um por essas paragens.

## ESTUPIDEZ ARTIFICIAL

«O computador é completamente estúpido.»<sup>24</sup> A afirmação não vem de uma pessoa qualquer: Gérard Berry ensina informática no Colégio de França. Este especialista em inteligência artificial (IA) não hesita em assumir a direção oposta das especulações (mal informadas) sobre as capacidades das máquinas para ultrapassar a inteligência humana.

É verdade que a inteligência artificial fez progressos importantes desde há sessenta anos. É verdade que as máquinas sabem reconhecer imagens, traduzir textos, produzir diagnósticos médicos. Em 2016, o programa *AlphaGo* da Deepmind conseguiu bater no jogo de *Go* um dos melhores jogadores mundiais. Se o desempenho impressionou, esquecem-se de dizer que o *AlphaGo* só sabe fazer uma coisa: jogar ao jogo de *Go*, tal como o programa *Deep Blue*, que vencera Kasparov no xadrez em 1996, há já mais de vinte anos. As máquinas ditas inteligentes desenvolvem apenas uma competência muito especializada e ensinada pelo seu mestre humano. As especulações sobre a autonomia das máquinas que «aprendem sozinhas» são mitos: as máquinas não sabem transferir as competências adquiridas de um domínio para outro, enquanto a transferência analógica é um dos mecanismos de base da inteligência humana. A força dos computadores é o poder da memória de trabalho e das capacidades de cálculo fulminantes.

As «máquinas que aprendem», que funcionam sobre o princípio do *deep learning* (a nova geração da IA), não são inteligentes, dado que não compreendem o que fazem. Assim, o programa de tradução automática do Google limita-se a aprender a utilizar uma palavra num contexto determinado (buscando numa grande massa de exemplos), mas continua a ser perfeitamente «idiota»: em nenhum caso compreende o significado das palavras que utiliza.

É por isso que Gérard Berry tem autoridade para dizer que, no fundo, «o computador é completamente estúpido».

---

<sup>24</sup> Entrevista em *L'Obs*, 26 de agosto de 2016. Em <https://www.nouvelobs.com/rue89/rue89-le-grand-entretien/20160826.RUE7684/gerard-berry-l-ordinateur-est-completement-con.html>.

## ESTUPIDEZ COLETIVA

A inteligência coletiva designa uma forma de inteligência de grupo, a das formigas ou dos neurónios: cada elemento tomado isoladamente não é capaz de grande coisa, mas um efeito de grupo produz proezas. Pela magia de uma auto-organização, as formigas são capazes de construir o seu formigueiro com galerias, quarto de núpcias, despensa, espaço de incubação, sistema de ventilação... Algumas praticam a agricultura (de cogumelos), a criação (de pulgões), etc.

Ainda que o seu funcionamento continue por explicar, a inteligência coletiva tornou-se em pouco tempo um modelo muito valorizado que assenta numa ideia simples: o todo é superior à soma das partes. A decisão coletiva e a cocriação são melhores do que a decisão individual.

No entanto, por vezes várias pessoas fazem pior do que uma sozinha. Assim, a inteligência coletiva tem a sua contrapartida: a estupidez coletiva. Assim, juntos, a nossa capacidade de discernimento pode ser severamente reduzida: experiências célebres realizadas pelo psicólogo Solomon Asch sobre a norma de grupo atestaram-no há já muito tempo. Basta que uma maioria de pessoas defenda uma teoria manifestamente falsa e idiota para arrastar outras por esse caminho, por efeito de conformismo. Outro exemplo, as falsas virtudes do *brainstorming*: arranje um grupo de dez pessoas e faça-as trabalhar juntas durante uma meia hora num projeto (imaginar *slogans* turísticos para promover uma cidade, por exemplo). Paralelamente, faça trabalhar um outro grupo no qual cada um reflete individualmente. Recolha as cópias: as propostas do grupo 2 são muito mais ricas e numerosas do que as do grupo 1. Por outras palavras, o todo é menos do que a soma das partes.

Aliás, é inútil realizar grandes experiências de psicologia para ilustrar a tolice coletiva. Tudo o que se prova em laboratório é experimentado quotidianamente nas reuniões de trabalho, onde o esforço coletivo produz tantas tolices quantas as concebidas por cada um.

## CRÉDULO

Quem é mais crédulo do que uma criança? Podemos fazer-lhe engolir não importa o quê: que existe, algures no céu, um senhor idoso de barba branca que viaja num trenó voador puxado por renas e que traz presentes às crianças

bem-comportadas, ou então que uma fada vem buscar os dentes que caem substituindo-os por uma moeda...

A credulidade é uma forma de estupidez própria da infância. Pelo menos, era isto que pensava o psicólogo Jean Piaget. O filósofo Lucien Lévy-Bruhl defendia que os povos primitivos se mostravam também muito crédulos com as suas crenças animistas em «espíritos da floresta» dotados de forças mágicas, o que parecia provar que os selvagens, como as crianças, não tinham atingido a idade da razão.

Mas foi preciso admitir, na sequência das experiências de psicologia, que as crianças não eram tão ingênuas como se julgava: admitem que as renas podem voar, mas apenas num mundo paralelo que não corresponde às leis cá de baixo, onde sabem bem que as renas não voam. Mesmo nós, adultos racionais, estamos dispostos a acreditar na existência de partículas que têm comportamentos estranhos (o dom da ubiquidade, a comunicação à distância) desde que os físicos o afirmem. Alguns destes cientistas são crentes e acreditam mesmo na ressurreição de Cristo.

Estas constatações levaram os psicólogos e sociólogos a rever o que significa «ser crédulo». A credulidade já não pode ser encarada como uma falta de lógica (por outras palavras, a estupidez infantil): crer em coisas aparentemente incríveis decorre de um sistema de referência, mais do que de ingenuidade ou de ausência de discernimento.

No fim da sua vida, Lucien Lévy-Bruhl admitiu ter-se enganado sobre a mentalidade dos «primitivos». Reconhecer o seu erro é contribuir para o seu crédito, porque é uma conduta muito rara no mundo dos filósofos.

## DÉBIL MENTAL

Quando, no final do século XIX, Jules Ferry impôs a escola obrigatória em França, verificou-se que alguns alunos eram incapazes de seguir um ensino normal. Pediram então a dois psicólogos, Alfred Binet e Théodore Simon, que concebessem um teste de inteligência a fim de detetar essas crianças e providenciar-lhes um ensino adaptado: este teste está na base do que viria a ser o célebre QI (abreviatura de quociente de inteligência).

Por convenção, o QI médio de uma população é de 100. Os testes de QI levaram a definir a debilidade mental e os seus subtipos: é «débil ligeiro» aquele cujo QI é inferior a 80 (e superior a 65); os «débeis médios» situam-se entre 50 e 65; os «débeis profundos» (outrora chamados «imbecis») têm um QI de 20 a 34. Ainda abaixo (QI inferior a 20), encontramos os «atrasados profundos».

As palavras «débil» e «atrasado» estão hoje postas de lado em psicologia, tendo sido substituídas por eufemismos: fala-se de «deficiência», de «atraso», de «lentidão», de «dificuldades de aprendizagem», ou mesmo de «diferença» (do mesmo modo que já não se fala de «génios» ou de «sobredotados», mas de «crianças precoces» ou «de alto potencial»). O que não impede, na prática, a utilização de testes para classificar as crianças em função do seu grau de atraso mental, porque é necessário orientá-las para estruturas adaptadas.

## IMBECIL, IDIOTA

Os termos «imbecilidade» e «idiotia» eram utilizados no início da psiquiatria para descrever as pessoas que apresentavam um nível intelectual muito baixo, incapazes de ler, de escrever e, alguns, de falar. Philippe Pinel considerava Victor de l'Aveyron, criança selvagem, um «idiotia»: hoje seria classificado como «autista».

«O idiota-tipo é um indivíduo que não sabe nada, não pode nada, não quer nada, e cada idiota aproxima-se mais ou menos deste *summum* de incapacidade», escrevia o médico francês Jean-Étienne Esquirol.

Paul Sollier, na sua *Psychologie de l'idiot et de l'imbécile: essai de psychologie morbide*<sup>25</sup> (1891), consagrou um capítulo aos «idiotas e imbecis». Lamentando o atraso da psicologia francesa em relação aos ingleses e aos americanos, nota

**Quem poderá  
alguma vez dizer  
em que difere  
a organização  
de um imbecil  
da de um outro  
homem?  
BUFFON**

que não existe consenso para definir a idiotia e a imbecilidade: uns tomam como critério de avaliação a inteligência; outros, a linguagem (a incapacidade de falar corretamente); outros, critérios morais (a ausência de autocontrolo).

O conceito de idiota será progressivamente abandonado pelos psicólogos. Só subsiste, por vezes, a noção de «idiotas sábios» (preferindo-se, no entanto, «síndrome do sábio»): o perfil, que reúne certos casos de autismo ou de síndrome de Williams, é simultaneamente marcado por um atraso na linguagem ou na

---

<sup>25</sup> Tradução livre: «Psicologia do idiota e do imbecil: ensaio de psicologia mórbida». (N. do T.)

inteligência geral, mas também por capacidades pouco habituais em certos domínios, como o cálculo, o desenho, a música...

O idiota da aldeia é o protótipo do atrasado mental, do estúpido ou simplório. Outrora, nas aldeias, havia sempre um «*fada*» (como se dizia no Sul de França), que se ocupava dos trabalhos subalternos. Este grande ingénuo passava por uma pessoa simpática, sempre sorridente e radiante, a rir-se por qualquer coisa. Não era considerado perigoso. Em *Branca de Neve*, a personagem Dunga, sorriso santarrão, olhos grandes, boné inclinado na cabeça, de certo modo ilustra-o.

